



A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E O INCENTIVO À LEITURA: EXPERIÊNCIAS COM A LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA

(Autor (a): Ana Taisa da Silva Barbosa, Co-autor (a): Maria Edneide Ferreira de Carvalho.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, pferros.@uern.com

RESUMO: Este trabalho parte de experiências vivenciadas durante o período do estágio supervisionado I, do curso Letras Língua Portuguesa, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Nosso principal objetivo é refletir sobre o papel da mediação pedagógica na formação do gosto e do hábito da leitura, através do uso da literatura de cordel em sala de aula. Iremos também relatar como ocorreu o processo de mediação em aulas desenvolvidas na fase de regência do Estágio. Nosso corpus de pesquisa se constitui de aulas de Língua Portuguesa, ministradas nas turmas do 7º e 8º ano da educação jovens e adultos (EJA), em uma escola da rede estadual de ensino, localizada na cidade de Pau dos ferros-RN. Temos como principais aportes teóricos, Coracini (2005), que discorre sobre concepções de leitura, Antunes (2003) que discute a prática de leitura sob uma perspectiva interacionista, Moura e Martins (2012), que tratam da leitura e mediação, e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997). Acreditamos na relevância do nosso trabalho, pois, cada vez mais devemos pensar em desenvolver um trabalho voltado para a prática de leitura em que esta passe a ser importante tanto no contexto escolar, quanto social do indivíduo. Assim, podemos dizer que obtivemos um resultado satisfatório, pois percebemos que, na realização das atividades, os alunos demonstraram interesse pelos momentos de leitura e realizaram as atividades propostas, com compromisso e dedicação. Do mesmo modo, foi possível desenvolver um trabalho bastante significativo no tocante a formação leitora do aluno, através da mediação.

Palavras-chave: Mediação, Incentivo, Leitura, Literatura de Cordel.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir sobre a importância do papel do professor mediador no incentivo à leitura em sala de aula, e como essa prática contribui para a formação do sujeito leitor, utilizando com ferramenta pedagógica a literatura de cordel. Temos como ponto de partida experiências vivenciadas durante o período do estágio supervisionado I, do curso Letras Língua Portuguesa, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, que foi desenvolvido nas turmas do 7ª e 8º período, da educação jovens e adultos (EJA), em uma



escola pública estadual localizada na cidade de Pau dos Ferros-RN.

O estágio supervisionado I, é um componente que compõe a grade curricular do curso Letras Língua Portuguesa, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), este tem como objetivo levar o aluno de licenciatura a conhecer de perto a realidade escolar e vivenciar durante um certo período de tempo a experiência de exercer o papel de professor nas aulas de Língua Portuguesa. O estágio compreende várias fases, mas apenas duas são realizadas, diretamente, nas aulas de língua portuguesa, são essas duas: fase de diagnóstico (1) que constitui o momento de observação das aulas, e fase de regência (2) que é o momento em que o aluno estagiário desenvolve suas próprias atividades nas aulas. Sendo assim, iremos relatar algumas experiências vivenciadas na fase regência, refletindo sobre o papel de nossa mediação na formação leitora.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: iniciaremos com uma discussão sobre a importância da prática de leitura no contexto escolar, enfatizando a figura do professor como mediador e incentivador dessa prática, em seguida, discutiremos sobre a utilização literatura de cordel. logo após, falaremos sobre algumas experiências vivenciadas durante o período do estágio, atentando-nos para maneira como foram desenvolvidas as atividades de mediação de leitura e os efeitos positivos, em relação ao objetivo pretendido, isto é, em relação ao desenvolvimento do gosto e do hábito de ler, e ressaltando algumas estratégias que podem ser usadas no intuito de levar ao aluno formas mais lúdicas e atrativas de aprender.

A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA COMO PONTE PARA A FORMAÇÃO LEITORA

A leitura é um processo que está presente em todo e qualquer momento da vida do ser humano. Assim como fala Coracini (2005, p. 38) em uma das suas concepções de leitura, “Ler pode ser definido pelo olhar, perspectiva de quem olha, de quem lança um olhar sobre um objeto, sobre um texto, seja ele verbal ou não”. Assim, podemos depreender que o ato de ler pode estar desde uma imagem, um filme, um objeto, uma pessoa, até os textos escritos. A



partir daí já podemos perceber o quanto essa prática é importante para a vida do indivíduo, para construção do seu próprio conhecimento, sua maneira de agir e se posicionar como cidadão crítico.

No entanto, muito tem se discutido sobre a problemática que envolve o ensino de leitura na escola, pois é um trabalho que se restringe ao uso do livro didático, e com propósitos apenas de decodificação e interpretação de atividades que não exigem do aluno uma capacidade maior de raciocínio, de pensamento crítico, de ir além do texto, tornando assim o ato da leitura defasado, desprazeroso.

A escola deve ser o ambiente propício, onde o professor possa trabalhar a mediação de leitura, a fim de que os alunos exponham suas opiniões, aflorem sua imaginação, adquiram mais e mais capacidade de criar, imaginar, e que acima de tudo, possam interagir, ultrapassando o simples propósito de decodificação. O que também pressupõe trabalhar com vários textos e modalidades de leitura diferentes, como bem coloca os PCNs (1997) “Uma prática constante de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura de fato. Diferentes objetivos exigem diferentes textos e, cada qual, por sua vez, exige uma modalidade de leitura”. Quanto a abordagem dos vários tipos de textos temos uma infinidade de gêneros, como contos, poemas, romances, crônicas, apresentando uma estética que possa chamar a atenção do aluno, que ele pratique e perceba na leitura um ato prazeroso

Nesse contexto, a mediação pedagógica pode ser decisiva na formação leitora, através do leque de leituras realizadas em sala, da diversidade de textos/gêneros e do incentivo à leitura e à compreensão leitora, primordiais nessa formação. Além dessa diversidade textual, o professor deve se apropriar de algumas estratégias de leitura que levem os alunos a desenvolverem o gosto e a criticidade diante do texto.

O universo da leitura é repleto de conhecimentos construtivos, reflexivos, imaginários, vivências de mundo, em outro dizer, é uma ferramenta eficaz que traz consigo uma série de



possibilidades que podem ser desenvolvidas no fazer pedagógico do professor em sala de aula, um dos primeiros passos que devem ser dados é fazer com que os estudantes despertem o gosto e prazer por essa prática, e motivá-lo, instiga-lo é um dos primeiros passos, Antunes (2003), traz em suas discussões, sobre a necessidade do professor enquanto mediador promover a prática da leitura motivadora que leva o aluno a perceber o poder desta em seu cotidiano, como afirma:

Uma leitura motivada: Tudo o que fazemos está preso a um interesse qualquer Não pode ser diferente quando se trata de leitura, sobretudo quando se trata de leitura feita na escola. O aluno antes de tudo deveria estar convencido das vantagens de saber ler e de poder ler. O professor também faria bem, então em ajudar o aluno a construir uma representação positiva da leitura e dos poderes que ela confere ao cidadão. (ANTUNES, 2003, p. 80 a 81) grifos nossos.

Diante disso, percebemos que o incentivo, é imprescindível na prática docente, para a formação do sujeito leitor, é preciso que o professor acima de tudo crie estratégias atrativas, lúdicas, para que o discente tome gosto, sinta prazer em ler e leve isso por toda sua vida, desenvolvendo cada vez mais essa prática.

Sabemos que trabalhar o incentivo à leitura, é uma tarefa desafiadora para o professor, tendo em vista a heterogeneidade de sujeitos que frequentam o ambiente escolar, um público/alunado que se apresenta em suas diversas faces, atitudes, opiniões, classes e vivências sociais diferentes. Compete ao docente pensar em uma prática que incentive e leve o aluno a perceber a real função e o sentido que a leitura traz para sua vida escolar e social, que interagem mutuamente como sujeitos ativos e colaborativos. Dessa forma, percebemos que a interação e o papel do professor é de inteira relevância no que diz respeito a mediação de leitura, conforme aponta Moura e Martins (2012)

“[...] No contexto da leitura, a mediação exige do professor grande interação com o aluno e com o texto, a compreensão do seu papel social docente e, ao mesmo tempo, conhecimentos sobre processos interativos, o que implica uma formação continuada e a percepção de necessidade de

realizar a mediação” (MOURA E MARTINS, 2012, p. 91).

Através das palavras das autoras percebemos que deve-se pensar na mediação como um trabalho contribuinte para a formação leitora, visto que a decodificação de palavras, de sinais de pontuação são insuficientes para chegar a esse objetivo, pois o sujeito leitor visto como integrante e participante ativo desse processo, precisa saber atribuir sentidos, interpretar, entender qual intenção o autor pretendeu passar no ato de comunicação, neste caso o sentido do texto. Por isso a participação do professor é fundamental na formação do leitor competente.

A LEITURA LITERÁRIA, ENTRE O PRAZER E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: FOCO NA LITERATURA DE CORDEL

Passamos à poesia; passamos à vida. E a vida, tenho certeza, é feita de poesia. A poesia não é alheia - a poesia, como veremos, está logo ali, à espreita. Pode saltar sobre nós a qualquer instante. (BORGES, 2000, p. 11)

Em seus estudos sobre o papel social da poesia, Elliot (Ano, p. 28) conclui que “o principal, suponho, é que possamos nos assegurar de que essa poesia nos dê prazer”. Podemos entender, através desse trecho que quaisquer atividades com a poesia em sala de aula e em qualquer outro contexto, deve partir, primeiramente, do prazer, do encontro entre o leitor e a linguagem poética. Além do prazer, o autor menciona a experiência, como segunda função da poesia, da literatura. Nessa compreensão, prazer e experiência só são tangíveis e atingidos pelo leitor, quando há um contato íntimo, uma relação individual entre leitor e texto. Portanto, não se pode pensar em um ensino de literatura que priorize descrições enfadonhas de períodos históricos e correntes literárias, mas que pressuponha, em primeiro plano, o contato dos alunos com a poesia, com a literatura. Nessa visão, o ensino/aprendizagem da



leitura literária deve ter como ponto de partida, o contato do aluno com a obra/texto.

No conjunto de obras literárias, encontramos, no interior do Nordeste, ainda hoje, a presença marcante da literatura de cordel. Considerada por muito tempo como uma literatura pobre, sem elaboração e voltada apenas para uma pequena parcela da sociedade, a camada mais pobre, inculta, essa literatura passa a ser observada além das fronteiras da sociedade não letrada e entra nas salas de aulas, possibilitando experiências estéticas e prazerosas dos leitores com sua poesia cheia de ritmos e musicalidade que encantam, como propõem Pinheiro e Lúcio (2001, p. 12). “A mistura de vozes e ritmos da cultura transforma-se em música nos folhetos”.

É necessário destacar que, por muitos anos, os folhetos de cordel estiveram distantes das salas de aulas, mas, eram “lidos” por um grande número de leitores que, muitas vezes, não sabiam ler. Isto é, mesmo sem ter o conhecimento da escrita, era grande a quantidade de pessoas que compravam os cordéis nas feiras, depois de terem ouvido um poeta os ler em voz alta. O encanto provocado pela leitura do poeta, levava os homens e mulheres a comprarem os cordéis que eram lidos, novamente, em casa, por algum parente que soubesse ler, e, ao longo dos dias, eram decorados e declamados por esses “leitores/ouvintes”. A poesia da linguagem do cordel já exercia, aí, sua primeira função social, a de possibilitar o prazer do leitor/ouvinte com o texto.

Essa função de prazer poético exercida pelo cordel ao longo de sua história chega nas salas de aulas e abre espaço para novas experiências estéticas. No contexto escolar, há uma necessidade de se pensar e trabalhar a literatura de forma mais lúdica, que possibilite essa vivência com a linguagem poética. O cordel vem, portanto, abrir mais espaços para a poesia na sala de aula e para a formação leitora através do prazer. Com sua musicalidade, diversidade de temas, ritmos e formas, a literatura de cordel pode ser um instrumento valioso na formação de leitores mais críticos, possibilitando, ainda, o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e do gosto pela leitura.



É necessário, portanto, que a escola e os professores vejam a Literatura de cordel, não apenas como uma literatura popular regional, mas como uma literatura rica em temas e formas que possibilitam experiências estéticas singulares e auxilia na formação leitora e no gosto pela leitura.

EXPEIRÊNCIAS VIVENCIADAS EM SALA DE AULA

Tendo como ponto de partida experiências vivenciadas no período do Estágio Supervisionado I, relataremos, sucintamente, algumas atividades desenvolvidas em sala de aula, que contemplaram o trabalho pedagógico com incentivo a prática de leitura, bem como a contribuição da mediação docente para a formação leitora do estudante. O estágio nos dá a oportunidade de fazermos uma verticalização entre as teorias estudadas na academia, com relação as práticas de linguagem, ao fazer pedagógico, as estratégias de ensino, isto é, em discussões que circundam o ensino de Língua Portuguesa e no campo da linguagem, com a prática desenvolvida em sala de aula.

Nossa experiência de estágio ocorreu em uma escola pública estadual, situada na cidade de Pau dos Ferros-RN, com turmas do 7º e 8º período da educação jovens e adultos (EJA). Os nossos relatos partem sobretudo, da fase de regência, fase esta em que foi nos dada a oportunidade de nos posicionarmos e atuarmos como professoras contribuintes para o ensino/aprendizagem do aluno.

Optamos em desenvolver nossa regência com o gênero literário, em especial, com a literatura de cordel, através das sequências didáticas, que possibilitam um trabalho mais sistematizada com os textos, explorando o conhecimento prévio, sua constituição enquanto gênero literário, desde a composição, o estilo, a estrutura, chegando até as produções escritas e artísticas, com intuito maior de instigar o aluno ao hábito da leitura.

Sob outro viés, por sua forma mais condensada, a literatura de cordel nos proporciona



trabalhar com o texto literário na íntegra, de forma a tornar a literatura mais próxima do aluno. Ela também apresenta uma variedade de recursos que podem ser explorados para chamar a atenção do aluno, escritos em estrofes e rimas, linguagem que aproxima-se da oralidade e uma diversificada gama de temas cotidianos, culturais, políticos, religiosos, amorosos.

Uma estratégia importante na mediação pedagógica, é a predição, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos (Cf. Moura e Martins, 2012). Partindo dessa compreensão, iniciamos quase todas as aulas de leitura, questionando sobre os conhecimentos dos alunos sobre os temas a serem tratados nos cordéis. Exploramos, nesses momentos, as xilogravuras. As capas de cordéis em xilogravura, uma espécie de desenhos pintados em madeira, que retratam a temática do cordel, são importantes destacar que, até o próprio significado do nome, e historicamente falando a forma como eram vendidos nas feiras, pendurados em cordões, pode ser usado estrategicamente nas aulas para atrair a atenção do discente.

Conforme Kleiman (2006, p. 25) “São as situações sociais com objetivos sociais e com modos sociais de interação, as que determinam, em grande medida, os tipos de atividades que podem ser realizadas, que tipos de contextos podem ser construídos pelos participantes, quais são as interações possíveis”. Compreendemos, pelas palavras de Kleiman que o ensino de leitura deve partir de situações reais de uso da linguagem, numa interação em que os participantes devem compreender o ato de ler como uma interação social, com objetivos sociais reais e um interlocutor também real. Em outras palavras, ao ler, um aluno deve ter em mente quais os objetivos da leitura e com quem ele está estabelecendo a interação e, nesse ato, a mediação do professor é fundamental.

Partindo dessa compreensão, iniciamos a regência compreendendo o papel social da leitura e a perspectiva interacionista de língua. Nesse sentido, levamos vários cordéis de autores diferentes e deixamos expostos na sala, mais precisamente, pendurados em cordões com grampinhos de madeira, fazendo toda uma alusão ao modo como os cordéis eram



vendidos em feiras livres, colocamos também, várias xilogravuras pregadas no quadro de modo a ambientar a sala de aula. Essa ambientação retoma o modo como muitos cordéis eram vendidos nas feiras da região e, talvez, pudesse ser uma ponte entre o que os alunos já viram/vivenciaram e o que estávamos propondo, já que os alunos vivem numa região em que ainda há esse modo de venda do cordel, o que nos remete a pensar mais uma vez na forma que aproxima-se do social.

Em um outro momento, introduzimos a aula com a leitura do cordel “Os Sete Constituintes”, de Antônio Francisco, que traz como mensagem uma crítica voltada para ação agressora do homem contra a natureza e a própria sociedade, em seguida, estabelecemos com os alunos uma discussão em torno da temática retratada no cordel, perguntado que compreensão eles tiveram do poema, se conseguiram perceber a temática social presente nele, bem como seu teor crítico. Nos chamou a atenção a forma como os alunos opinaram e discutiram bastante sobre o conteúdo, procuramos acionar o conhecimento de mundo dos alunos e a realidade social em que vivem. Isso nos faz perceber que além de despertar no aluno o hábito da leitura, podemos também contribuir para sua formação, enquanto leitores críticos. Essas estratégias utilizadas, desde a predição com os títulos e capas às discussões sistematizadas em torno do texto, são partes da mediação que possibilitaram um envolvimento maior dos alunos com os textos e os conduziu, não apenas a uma experiência estética, mas, também, à uma visão crítica.

Outro conteúdo que passamos para os alunos foi algumas formas do cordel apresentadas em fazines, em cada página tinha uma forma de cordel, quadra, sextilha, setilhas, oitavas, décimas, etc. para mostrar os esquemas rítmicos que compõem a versificação do cordel e trabalhar a oralidade de cada um, o trabalho com a leitura oral e em voz alta é de fundamental importância, para que o discente perceba pela entonação a rítmica do cordel, e desenvolva mais sua capacidade oral, como afirma Pinheiro e Lúcio (2001, p. 84) “A leitura oral dos folhetos de cordel, é indispensável. Portanto, a primeira e fundamental atividade deve



ser a de ler em voz alta. E se possível realizar mais de uma leitura”. Juntamente com a pequena definição de cada forma tinha um exemplo, uma estrofe representando a pequena explicação de quadra, outro para a sextilha e assim sucessivamente. Nossa estratégia de leitura foi levar para a sala o fanzine, já que seu modo de produção é igual ao dos folhetos de cordel, dessa forma, pensamos em atrair a atenção dos alunos para a prática da leitura e o desenvolvimento de sua capacidade leitora e oral.

Tratando de uma das últimas atividades da regência, não poderíamos deixar de pedir que os alunos construíssem seu próprio cordel e realizasse a produção artística por um processo que assemelha-se ao modo real de fazer xilogravura. Nosso objetivo maior foi despertar ainda mais no aluno o gosto e interesse pela leitura, e mostrar as várias formas dinâmicas e atrativas de trabalhar o cordel. Pedimos para que os alunos fizessem a escolha do tema do cordel, em seguida relembramos pra eles os versos e rimas que compõem o cordel. Depois foi o momento de escrita e reescrita, neste segundo momento sentamos com cada aluno fizemos a correção do cordel atentando para a estrutura, as rimas e os aspectos gramaticais do texto. Após tudo isso, ensinamos aos alunos a fazer um folheto com técnicas caseiras para que eles escrevessem os seus cordéis, em seguida partimos para a produção artística, esse procedimento foi feito com uma técnica de desenho em isopor e pintura com tinta guache preta, que ocorreu da seguinte forma pedimos para que os alunos ilustrassem a capa dos seus cordéis desenhando no isopor, pintassem o isopor com tinta guache e segurassem firme na capa do cordel e pouco a pouco o solta-lo, para ficar a marca do desenho. Essa foi mais uma estratégia utilizada para fazer com que o aluno atribuísse mais significado e importância não somente para a leitura, mas também para sua escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Formar leitores enfrentando uma realidade educacional ainda arraigada ao tradicionalismo, e diante de um público/alunado heterogêneo, não é tarefa fácil para o



professor desempenhar seu fazer pedagógico, em prol do melhor aprendizado do aluno. Mas na academia nos deparamos com discussões teóricas, que nos possibilitou mesmo antes de nos formarmos profissionais da educação, desenvolvermos em nosso estágio ações que nos levam a aplicá-las na prática. Sabemos que a forma como é tratada a leitura na escola, é bastante questionada no meio acadêmico, visto a sua tamanha importância para a vida escolar e social do indivíduo. Compreendemos que a mediação de leitura trabalhada de forma sistematizada e com foco na formação leitora, utilizando de textos literários, como a literatura de cordel, e explorando o potencial didático que este oferece, enriquece mais ainda o conhecimento do aluno e desenvolve seu interesse pela leitura. Foi o que conseguimos perceber durante o período do nosso estágio. Motivar o aluno ao hábito da leitura e contribuir na formação leitora deste, buscar meios atrativos de trabalhar e explorar a leitura, nos proporcionou uma experiência ímpar, pois ao mesmo tempo em que desenvolvíamos nossas ideias e aprendizado já adquiridos em sala de aula, aprendíamos também com eles a estar sempre melhorando e aperfeiçoando nossos estudos e nosso desempenho, como futuras professoras, contribuintes para mais e mais melhorias na educação Brasileira.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, I. Aula de Português. São Paulo: Parábola editorial, 2003.
- BORGES, Jorge Luis (org.). Esse ofício de verso. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CORACINI, M. J. R. F. Leituras: Múltiplos Olhares. Campinas, SP: Mercado de Letras; São João da Boa Vista, SP: Unifeob, 2005.
- ELIOT, T. S. De poesia e Poetas. São Paulo: Brasiliense, 1999. pp. 25-37
- MOURA, V, A, A. e MARTINS, R, L. Leitura e mediação pedagógica. São Paulo: Duas cidades, 2012.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília:1997.
- PINHEIRO, H. e LÚCIO, A, C, M. Cordel na Sala de Aula. São Paulo: Duas cidades, 2001.
- KLEIMAN, A. B. Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio. In: BUNZEN C; MENDONÇA M. (Org.). São Paulo: Parábola Editorial. 2006.